



### **Aquisição de linguagem sob a perspectiva gerativa: Português e Libras em questão**

#### *Language acquisition from a generative perspective: Portuguese and Pounds in question*

---

**Marcos Grutzmacher**

<https://orcid.org/0000-0002-7715-1646>

Professor Mestre do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFRO, membro do grupo de pesquisa PRELIN.

<http://lattes.cnpq.br/7771282275895721>

marcos.grutzmacher@fale.ufal.br

**Thaysa Oliveira Barbosa**

<https://orcid.org/0000-0002-4155-6852>

Professora do curso de Letras Libras Bacharelado da UFRR. Doutora em Linguística com ênfase em Teoria e análise Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Membro do grupo de pesquisa PRELIN.

<http://lattes.cnpq.br/5211602652585134>

thaysa.barbosa@ufrr.br

## Resumo

Este trabalho tem por objetivo fazer um apanhado teórico de como ocorre a aquisição de linguagem à luz da teoria gerativa (CHOMSKY, 1995 e seguintes) que defende a existência de um mecanismo inato e específico para tal fim. Seguimos mais especificamente a hipótese maturacional para aquisição da língua que propõe que a aquisição ocorre em fases que vão se sucedendo umas às outras a partir da maturação do aparelho fonador. A partir desses pressupostos, apresentamos estudos sobre aquisição da Libras no Brasil, mostrando como ocorre a aquisição da Libras seguindo-se as fases maturacionais e descrevendo-as no que diz respeito às características e, sempre que possível, comparando-as com o desenvolvimento da língua portuguesa.

**Palavras-chave:** Aquisição. Linguagem. Libras. Gerativismo.

## Language acquisition from a generative perspective: Portuguese and Pounds in question

### Abstract

This work aims to provide a theoretical overview of how language acquisition occurs in the light of generative theory (CHOMSKY, 1995 and following) which defends the existence of an innate and specific mechanism for this purpose. We follow more specifically the maturational hypothesis for language acquisition, which proposes that acquisition occurs in phases that follow each other from the maturation of the speech system. Based on these assumptions, we present studies on the acquisition of Libras in Brazil, showing how the acquisition of Libras occurs following the maturational phases and describing them with regard to characteristics and, whenever possible, comparing them with the development of Portuguese.

**Keywords:** Acquisition. Language. Libras. Generative Theory.

Considerando o amplo espectro das publicações que se debruçam sobre como as crianças adquirem uma língua, entendemos que esse processo possui grande publicidade quando nos referimos às línguas orais, porém as especificidades no campo das línguas de sinais ainda estão em processo de descobertas, intensificadas a partir do final do século XX.

Portanto, este artigo buscará fornecer informações gerais a respeito do processo de aquisição de Libras, através de uma revisão de trabalhos que abordem o tema com o intuito de publicizar os resultados das pesquisas em um comparativo com o que já se sabe e se discute acerca do processo de



aquisição das línguas orais destacando-se as etapas que ocorrem nesse processo sob a ótica da hipótese maturacional.

Não temos o objetivo de esgotar a temática a qual nos propomos, afinal, as pesquisas ainda estão em um estágio inicial, se comparadas aos estudos já realizados e consolidados em línguas orais, mas buscaremos trazer um panorama geral a respeito do que já se conhece sobre o processo de aquisição, sempre que possível, estabelecendo comparações sobre como ocorre o processo nas crianças que possuem línguas orais como L1 em detrimento daquelas que possuem línguas de sinais como sua L1.

Para tanto, este artigo possui o seguinte desenho: iniciamos apresentando os pressupostos da teoria gerativa que fornece, em sua gênese, uma revolução cognitiva para os estudos da época e que por ser tão robusta, se mantém e se fortalece até os dias de hoje mesmo se remodelando e rediscutindo alguns pressupostos.

Em seguida, apresentamos como ocorrem as fases de aquisição de acordo com a hipótese maturacional de aquisição da linguagem, fazendo a relação como ocorre a aquisição na língua oral e na língua de sinais, isto é, português e libras, respectivamente

## 1. TEORIA GERATIVA

A corrente mentalista da Linguística denominada Gerativismo, cujo expoente é Noam Chomsky, nasceu no final dos anos 50, nos Estados Unidos, durante o período que ficou conhecido como revolução cognitiva. Essa alcunha se deve por termos uma mudança radical na perspectiva dos estudos linguísticos da época, já que esta surgiu em oposição à corrente empirista que vigorava nos estudos científicos de uma forma geral na época: o behaviorismo, teoria que postulava que a língua era algo externo ao ser humano, um sistema de hábitos aprendidos por meio da repetição.

Em 1959, Chomsky publicou uma resenha do livro *Verbal Behavior* de B. F. Skinner, principal teórico do behaviorismo naquele momento, criticando a visão comportamentalista em que se concebia a língua, usando como principal argumento a criatividade linguística, ou seja, característica que permite a todos os indivíduos criarem a todo o momento frases novas, uma vez que todos, desde os analfabetos aos mais letrados, são capazes de criar frases novas em conteúdo e em



extensão. A criatividade linguística é, para Chomsky, a característica que diferencia os seres humanos dos outros seres vivos.

O referido autor ainda ressalta que todo falante de uma língua particular é capaz de elaborar sentenças infinitas a partir de meios finitos, denominando essa característica de recursividade e comparando-a com os números naturais.

A partir dessa crítica, o behaviorismo perdeu força no cenário da época abrindo espaço para os postulados da Teoria Gerativa. Aos poucos, a ideia de que a língua era um sistema de hábitos, aprendido a partir da experiência através de estímulos, respostas e reforço, foi sendo substituída pelas ideias mentalistas que propõem que todos os indivíduos são capazes de adquirir uma língua naturalmente, por meio de uma capacidade genética e independente de aprendizagem, algo que ocorre nas crianças nos primeiros anos de vida sem que para isso seja necessário nenhum tipo de instrução formal.

Isso só é possível, segundo Chomsky, porque o ser humano nasce dotado de uma espécie de órgão supostamente localizado na mente/cérebro chamado Faculdade da Linguagem (FL) e que possui em seu estado inicial características gerais e comuns a todas as línguas naturais humanas (os princípios). De acordo com a definição dada à faculdade da linguagem Chomsky (2005, p.30) afirma:

Ela, sem dúvida nenhuma, marca a diferença entre os humanos e as outras espécies do planeta, pois não há registro de nenhuma outra espécie que utilize inteligivelmente sinais linguísticos a fim de expressar pensamentos livremente formados. Ela é também responsável pelo fato de só os humanos possuírem uma história, uma evolução cultural e uma diversidade complexa e rica.

A FL tem propriedades geneticamente determinadas e exclusivas, representadas por um órgão denominado LAD (Language Acquisition Device) traduzido para o português como “Mecanismo de aquisição de linguagem”. Esse órgão específico para a aquisição de linguagem é equivalente ao estado inicial da gramática dos falantes, ou seja, Gramática Universal (GU). De acordo com Chomsky (1986, p.3) o LAD pode ser entendido como:

Um componente inato da mente humana que produz uma língua particular através da interação com a experiência presente, um



dispositivo que converte a experiência em um sistema de conhecimento avançado: conhecimento de uma ou outra língua.

A gramática universal (GU) é a teoria do estado inicial do cérebro/mente anterior à experiência linguística. Em seu estado inicial (So), é dotada de princípios universais, comuns a todas as línguas, e de parâmetros cujos valores (+ ou -) vão ser fixados pela experiência linguística segundo o *input* recebido. O conjunto de sentenças ouvidas no contexto de fala, os dados linguísticos aos quais o falante está exposto são processados a fim de tornarem-se próprios da gramática particular de cada indivíduo.

A aquisição de uma língua se inicia nos primeiros meses de vida de uma criança, quando ela possui um conhecimento linguístico geral, a GU, cujo estado inicial (So) se transforma em uma língua particular (Língua-I) com a fixação dos parâmetros. Depois de fixados os parâmetros, as crianças já têm uma língua nuclear internalizada, individual.

O uso que essa criança faz desse conhecimento internalizado é o que chamamos de performance, enquanto que o conhecimento que ele possui acerca da língua que fala chama-se competência, o que significa dizer que o indivíduo já possui conhecimento sobre a língua que fala, já consegue, por meio de sua competência, decidir se uma sentença é gramatical ou não em sua língua.

Chomsky (1997) nos apresenta um exemplo de como ocorre esse processo por meio de abstrações. Segundo ele, se supormos que o estado de língua de Pedro seja L, ele já possui conhecimento sobre a gramática de sua língua, ou seja, um conjunto de expressões infinito, cada um com seu som e sua significação. A língua de Pedro “gera” as expressões de sua língua.

Cada expressão é um pacote de propriedades que proporcionam “instruções” ao sistema de desempenho de Pedro: seu sistema articulatório, seus modos de organizar seus pensamentos, etc. Com sua língua e seu sistema de desempenho devidamente instalados, Pedro possui um rico acervo de conhecimento sobre o som e o sentido das expressões e uma capacidade correspondente para interpretar aquilo que ouve, expressar seus pensamentos e utilizar sua língua de várias formas.

Para que uma criança adquira uma língua basta a união de alguns fatores: 1) ela precisa estar em contato com a língua, ou seja, recebendo o *input*; 2) ela precisa estar biologicamente preparada para tal feito, ou seja, é necessário que a criança tenha todos seus órgãos em funcionamento e em determinado estado maturacional, e não tenha ultrapassado o chamado período crítico.



De posse desses fatores, as crianças iniciam o processo de aquisição de linguagem passo a passo e vão seguindo as fases de aquisição desde o balbúcio até a aquisição de palavras mais simples, seguida de estruturas mais complexas. Esse processo não é arbitrário, segue algumas etapas que são universais, ou seja, ocorrem a todas as crianças típicas. Essa sequência não implica dizer que todas as crianças precisarão passar por todas as fases, podem ocorrer casos de crianças que pulem uma das etapas. Fazendo analogia com outra habilidade, por exemplo, é possível que uma criança comece a andar sem nunca antes ter engatinhado.

Processo semelhante pode ocorrer no processo de aquisição de uma língua, no entanto, devemos levar em consideração que para que as crianças consigam produzir certos sons ou sentenças, faz-se necessário ter dominado outras habilidades anteriormente, isto é, o processo de aquisição de linguagem é composto por estágios de desenvolvimento que vão sendo conquistados pela criança, um em sequência do outro. De acordo com Costa e Santos (2004, p 27.) nenhuma criança produz:

1. Sons fricativos, como [z] sem ser capaz de produzir sons oclusivos;
2. Frases complexas sem ser capaz de produzir frases simples;
3. Frases com sujeito, verbo e complemento sem ser capaz de produzir frases só com sujeito e verbo ou só com verbo e complemento.

A respeito de como ocorre esse processo Radford (1993), Cezario (2011), Guasti (2004), entre outros autores defendem a hipótese maturacional para aquisição da linguagem, a qual postula que esse processo ocorre por meio de fases que vão se sucedendo umas às outras em complexidade e conteúdo acerca da língua. Gradativamente, as crianças passam do balbúcio às primeiras palavras e em seguida são substituídas por sentenças das mais simples às mais complexas, estendendo-se por toda a vida a aquisição de vocabulário.

Dedicamos a sessão seguinte para explicar como se dá aquisição da linguagem sob o viés gerativista e em seguida, nos debruçaremos sob a hipótese maturacional.

## 2. HIPÓTESE INATISTA PARA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM



Uma das questões que motivam os estudos gerativos é descobrir como se dá a aquisição de uma língua pelos falantes. E para a investigação desse fenômeno, foram propostas três perguntas:

- 1- O que constitui o conhecimento da língua?
- 2- Como é adquirido o conhecimento da língua?
- 3- Como é usado o conhecimento da língua?

As respostas possíveis a estas três perguntas, de acordo com Chomsky (1986), formulam que o conhecimento da língua é constituído por uma gramática gerativa particular, ou seja, uma teoria que se ocupa do estado da mente/cérebro do indivíduo, e que esse conhecimento acerca da língua é adquirido por meio da GU e pelos meios com os quais os princípios interagem com a experiência de modo a darem origem a uma língua particular.

Esse conhecimento da língua seria utilizado, portanto, na expressão do pensamento e na compreensão das amostras da língua que nos são apresentadas. Em linhas gerais, essa seria uma explicação possível para a aquisição de linguagem. Nos parágrafos que seguem, faremos uma discussão dos pormenores envolvidos nesse processo, tomando como referência os marcos de aquisição observados em Libras.

Diferentemente de outras posições teóricas que concentram na experiência a importância do processo de aquisição de linguagem, o modelo gerativista concentra no indivíduo essa importância. Para tal teoria, a aquisição de uma língua é semelhante ao desenvolvimento de outra habilidade ou atividade cognitiva pertinente ao ser humano, como andar ou comer. Assim, como para dominar tais capacidades os indivíduos precisam ser estimulados, para começar a falar/sinalizar também. O processo de aquisição de uma língua é natural e gradual aos seres humanos, independentemente da modalidade da língua.

Natural porque ocorre espontaneamente em todo ser humano, desde que ele não possua nenhuma patologia e gradual por que para chegar ao estágio final as crianças passam por fases diferentes de aquisição da língua a que estão expostas.

Para que uma criança adquira uma língua natural basta que ela esteja exposta a dados de língua (seja ela qual for) para que ela a adquira naturalmente, sem que precise ser corrigida ou ensinada sobre seu funcionamento. Todas as crianças, independentemente da língua que estejam



adquirindo, passam por processos semelhantes, isso ocorre porque o processo de aquisição de linguagem é universal, natural e inato ao ser humano.

Um dos argumentos utilizados por Chomsky a favor da hipótese inatista foi a chamada “pobreza de estímulo” ou “problema de Platão”, que pressupõe que, se as crianças adquirem a língua por meio da observação, como elas seriam capazes de adquirir uma língua diante de dados tão truncados e fragmentados como são os apresentados a elas, e ainda como fariam isso em tão pouco tempo? Se o processo se dá por meio da observação, como as crianças adquirem a língua exatamente no mesmo período, sendo que as experiências linguísticas delas seriam diferentes, uma vez que umas têm mais acesso a dados linguísticos que outras.

E ainda acrescenta, caso a aquisição de linguagem fosse baseada na experiência do indivíduo com a língua teríamos crianças com estágios diferentes de língua na mesma idade, o que seria justificado pela diferença na experiência linguística entre elas. Na verdade, sabemos que não é isso que ocorre. Ou seja, apesar de a natureza do *input* ser diferente para as crianças o resultado no processo de aquisição é o mesmo.

A hipótese inatista defendida por Chomsky explica-se pelo fato de o cérebro/mente humana ser organizada em módulos, sendo cada um desses responsáveis por diferentes atividades cognitivas. A capacidade de linguagem humana está lotada num módulo específico da mente/cérebro, denominada faculdade da linguagem (FL), cujo estágio inicial é dotado de uma estrutura sintática mínima e universal. A FL é independente de outras capacidades cognitivas embora mantenha com esses outros módulos relações específicas.

### 3. Hipótese maturacional da aquisição da linguagem

Se pensarmos quando se inicia o processo de aquisição da linguagem, e como se processa esse fenômeno, uma resposta possível é que ele se inicia desde o nascimento da criança, uma vez que ao nascer ela já está exposta ao *input*. E nos primeiros dias de vida é que elas vão fazer a distinção da língua a que elas estão expostas, uma vez que por serem dotadas da GU em seu estágio inicial, elas são capazes de adquirir qualquer língua natural. De acordo com Guasti (2004, p. 23).

Infants start as universal learners and become speakers of one or more specific languages, depending on their linguistic environment. This can be conceived





of as a selective process, in which experience narrows perceptual sensitivity and thus enables learners to choose the phonological system instantiated in the input from among those that characterize human system instantiated in the input from among those that characterize human languages as whole and that are encoded in Universal Grammar.

Apesar de nascerem aptas a adquirir qualquer língua natural, isso não ocorre às crianças instantaneamente, faz-se necessário certo nível de amadurecimento do organismo e também certo tempo de contato com a língua que se está adquirindo. Dessa forma, a partir da hipótese maturacional, podemos classificar o processo de aquisição de linguagem em fases distintas, por exemplo: a) Dos seis aos oito meses as crianças começam a balbuciar, ou seja, produzem sílabas repetidamente, como bábábá; b) Com 10 a 12 meses as crianças começam a produzir sentenças de uma única palavra; c) Com 20 a 24 meses elas começam a colocar as palavras unidas em uma frase;

Apesar de já estarem atentas ao *input* linguístico desde o nascimento e de a percepção dos sons já estar bem aguçada, as crianças só serão capazes de produzir sons a partir dos 06 meses. De acordo com Guasti (2004), as primeiras vocalizações das crianças consistem em choros, sons vegetativos e sons isolados que se assemelham às vogais, ocasionalmente acompanhados por sons consonantais (ou que se aproximam a eles).

A produção dos sons pelas crianças depende da maturação do seu trato oral, Guasti (2004) afirma que antes dos quatro meses as crianças possuem um trato vocal semelhante ao de um macaco, ou seja, uma grande laringe, uma garganta pequena, um pequeno trato vocal e a língua tem um formato diferente da dos adultos. Dos quatro aos seis meses de idade vão acontecendo mudanças, a principal delas é a descida da laringe, processo que só será completado ao fim dos três anos de idade. E é essa diferença do trato oral das crianças que faz com que a voz delas seja diferente da dos adultos, por isso também, facilmente identificável.

Além do trato oral ocorrem também modificações nas costelas das crianças, que assim como o trato oral, vão se moldando até chegarem ao formato dos adultos. Com essas mudanças, as crianças vão sendo capazes de controlar a corrente de ar e produzirem episódios de fonação mais longos. Só depois de ter passado por todo ou parte desse processo de mudança biológica as crianças são capazes de balbuciar.

O balbucio é a primeira forma de expressão linguística que as crianças são capazes de produzir, ele é caracterizado por ter uma organização silábica variada, como, por exemplo: CV e



VCV. O balbucio é formado por sons consecutivos e repetidos, porém com ausência de sentidos na língua que está sendo adquirida. Guasti (2004) afirma que é a partir do balbucio que as crianças passarão a produzir os sons de sua língua.

Como adquirir uma língua é sinônimo de descobrimento de regras de funcionamento, como: ordem das palavras, formação de sentenças interrogativas, declarativas, negativas e também aprendizagem de vocabulário, a partir dos 10 a 12 meses as crianças passam pela fase de uma palavra só, em que elas produzem e entendem algumas palavras.

Diferentemente dos sons que são adquiridos, as palavras são aprendidas pelas crianças, e para tanto, elas precisam segmentar a fala em palavras e associar os sons aos sentidos. Ao contrário da escrita que nos é apresentada de forma segmentada, na fala, as palavras nos são apresentadas em conjunto, todas unidas em uma sequência lógica denominada sentença.

A tarefa da criança é então conseguir segmentar a sentença em palavras, o que nem sempre é fácil, pois uma mesma sequência de sons pode ter mais de um significado. Para os adultos, esta é uma tarefa simples porque a qualquer momento podemos consultar o nosso conhecimento pragmático, sintático e semântico. Mas as crianças ainda não possuem esse conhecimento, visto que elas estão construindo esse conhecimento.

Guasti (2004, p.58) resume essa dificuldade em segmentar a fala com alguns motivos:

- a) speech is continuous (i.e., there are no consistent and reliable breaks between words);
- b) words are not taught in isolation (though even if they were, the problem would remain, because there are words that are part of larger words and there can be multiple ways of segmenting a string);
- c) infants are not born with a lexicon.

Depois da segmentação, elas ainda precisam associar as palavras aos significados. Por conta disso, é natural que as crianças adquiram, inicialmente, as classes abertas que são aquelas cujo significado possui um elo com a realidade, como é o caso dos substantivos, adjetivos etc.

Apesar de todas as dificuldades apresentadas, as crianças conseguem segmentar e compreender o significado delas a partir da sua habilidade inata e de forma inconsciente. Com o amadurecimento da FL e com um maior tempo de *input* recebido, dos 18 aos 24 meses, as crianças



passam pela chamada fase multivocabular inicial, fase em que há o desenvolvimento dos sistemas lexicais, que são aqueles que englobam os sistemas nominal, verbal, adjetival e o preposicional. Nesta fase, não existem ainda categorias funcionais e, portanto, não há elementos como artigos, pronomes, verbos de ligação e flexões verbais.

Essas estruturas só vão ser adquiridas em média dos 24 aos 30 meses de idade, fase que só é atingida quando a criança dominou totalmente os sistemas lexicais.

Independentemente da fase de aquisição que a criança esteja passando é comum observar que, durante a produção das sentenças, as crianças não estão preocupadas com a boa formação ou a interpretação das sentenças, apesar disso, elas detêm conhecimento internalizado suficiente sobre a gramaticalidade das sentenças da língua em que estão adquirindo, o que as permite criarem sentenças nunca antes ouvidas, trocarem fonemas em algumas palavras, mas mesmo assim, elas não produzirão nada considerado agramatical.

É esse conhecimento internalizado acerca do que pode ou não ser produzido na língua, esse procedimento mental que usa regras finitas para gerar um número infinito de sentenças que denominamos gramática internalizada. Entendida dessa forma, a gramática internalizada é uma entidade psicológica, não apenas um inventário de sons, morfemas, paradigmas flexionais e construções sintáticas. É esse conhecimento linguístico que nos permite produzir e entender sentenças nunca ouvidas antes, é ele que também nos fornece subsídios para estabelecer quando uma sentença é aceitável ou não na língua.

É provável que, durante o processo, as crianças produzam sentenças imperfeitas na língua (nada de espantoso para alguém que ainda está adquirindo uma língua), imperfeitas, mas não agramaticais. Isso ocorre porque o processo de aquisição é baseado na evidência positiva das línguas, ou seja, nas frases bem formadas, e não na evidência negativa. Outro fato que deve ser considerado é que as crianças resistem às correções feitas por pais e ou adultos sobre a construção de suas sentenças. Mc Neil (1966, p.69) *apud* Guasti (2004, p.3) nos apresenta um exemplo que ilustra bem essa questão:

(1)

Child: Nobody, don't like me.

Mother: No, say "nobody likes me"

Child: Nobody don't like me.



(Eight repetitions of this dialogue)

Mother: No, now listen carefully; say “nobody likes me”.

Child: Oh! Nobody don't likes me

No exemplo dado, a criança faz uso da dupla negação (nobody e don't) que não é licenciado em Inglês, ao tentar corrigi-la, a mãe pede para que a criança repita da “forma correta”. Tentativa sem sucesso, uma vez que a criança permanece repetindo a mesma sentença por oito vezes. Depois de uma segunda tentativa feita por sua mãe, a criança percebe a utilização do verbo like, mas não corrige a dupla negação que tinha sido o alvo da correção da mãe.

O que apenas corrobora o que fora afirmado sobre a correção que é feita à fala das crianças. E que reforça também outro conceito que fora apresentado que é a criatividade linguística, pois é pouco provável que a criança tenha ouvido esse tipo de sentença com dupla negação, o que nos sugere que ela mesma criou essa sentença, ou seja, o que a faz evoluir na aquisição da língua em questão não é a correção, muito menos o erro, o que a faz evoluir é o *input* que ela recebe, que é baseado na evidência positiva.

#### 4. AQUISIÇÃO DA LIBRAS COMO L1 POR CRIANÇAS SURDAS

Vimos, ao longo do texto, que as possibilidades de explicação de como ocorre a aquisição de uma língua perpassam de uma visão externa à criança, passando à uma perspectiva mentalista que explica como se dá esse fenômeno.

Apesar dessa pluralidade teórica para explicação desse fenômeno, temos um consenso entre os pesquisadores no que se refere à aquisição de línguas orais e de sinais, o Português e a Libras, por exemplo, que são línguas que coexistem.

Por serem ambas línguas naturais, a aquisição ocorre exatamente da mesma forma, resguardando apenas a manifestação que ocorre de maneira distinta devido às línguas serem de modalidades diferentes. Dessa forma, temos o aparecimento de estruturas sintáticas, itens lexicais e estruturas morfológicas exatamente no mesmo período para ambas as línguas.

A similaridade no processo de aquisição entre as línguas orais e de sinais nos remete a uma espécie de calendário para o processo de aquisição dos períodos postulados às crianças ouvintes e



surdas. Assim, o processo de aquisição, de acordo com Quadros (1997) ocorre nas fases descritas abaixo:

- *Período pré-linguístico*: nesse período temos o balbucio em crianças surdas e ouvintes. Essa produção é feita por meio de sinais e de sons. As produções variam entre balbucios silábicos, ou seja, construções que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais e gesticulações que não apresentam nenhuma organização e sistemática; nessa fase é comum a produção de sílabas vocálicas repetitivas nas crianças;
- *Estágio de um sinal*: nessa fase, a criança se refere aos objetos apontando, segurando, olhando e tocando-os. Normalmente, ela utiliza uma linguagem não-verbal para chamar a atenção para as necessidades e para expressar suas reações. A criança nesse nível imita sinais produzidos pelos outros, apesar de apresentar configurações de mãos e movimentos imperfeitos. O mesmo ocorre na produção de pequenas palavras.
- *Estágio das primeiras combinações*: a criança comunica mais do que ela é capaz de produzir. Ela aponta, olha, toca, identifica as coisas sobre as quais se está falando, iniciando a combinação de dois sinais/ duas palavras.
- *Estágio das múltiplas combinações*: as crianças começam a usar o sistema pronominal, mas de forma inconsciente, já que os pronomes se realizam na LS por meio da apontação. A aparente transparência da apontação é anulada diante das múltiplas funções linguísticas que apresenta. Em português, temos a utilização dos pronomes sem o referente correto.

Nas sessões seguintes, apresentamos os estágios de aquisição com maiores detalhes.

#### 4.1 O PERÍODO PRÉ-LINGUÍSTICO

Como dissemos anteriormente, o balbucio é o período em que a criança produz formas iniciais do padrão adulto, levando em consideração as formas da língua e inicia-se por volta dos seis meses de idade. No caso da criança surda, ocorre o balbucio manual, no qual a criança produz formas manuais a partir da língua a qual está exposta. Essas produções não são aleatórias, mas dependem do *input*. Petitto (1987) caracterizou essas produções como gestos não icônicos e nem sinais reais em



ASL, mas sim, formas fonologicamente possíveis e que pareciam funcionar como preenchedores de “slots” lexicais em “sentenças” de sinais rudimentares.

Assim como a criança ouvinte acompanha a prosódia relacionada ao seu *input* na produção de seu balbucio, a criança surda também se comporta dessa maneira na produção gestual. Petitto (1987) afirma que nessas produções as formas mantiveram o ritmo e a duração das unidades frasais em ASL. Para Newport e Meier (1986), os bebês produzem gestos que têm a forma semelhante aos sinais, mas não possuem significado. Para Karnopp (1999), esse período caracteriza-se pela produção de gestos sociais e pela utilização do apontar.

Karnopp (1999) apresenta o processo de aquisição das configurações de mão em Libras, no qual afirma que configurações envolvendo os dedos polegar e indicador são de aquisição mais inicial e que configurações que envolvam polegar e anelar são adquiridas posteriormente. Baseado nessas informações, Grutzmacher (2019) afirma que o desenvolvimento se dá no sentido rádio-ulnar, comparado às línguas orais, nas quais o desenvolvimento dos fonemas se dá no sentido ântero-posterior, iniciando por fonemas bilabiais e finalizando com velares.

Karnopp (2004) salienta ainda a importância da interação no processo de aquisição linguística e afirma que mães surdas buscam uma maior atenção visual por parte de seus bebês, que mães ouvintes. Considerando que o *input* em língua de sinais se dá pelo meio visual, é importante que exista certo cuidado quanto ao controle do ambiente, para que seja propício à aquisição. Por exemplo, crianças ouvintes têm acesso ao *input*, mesmo que suas mães estejam se comunicando de costas para elas, o que não ocorreria com crianças surdas.

Aspectos como o contato visual entre os interlocutores, isto é, o olhar fixo do bebê surdo na face da mãe/pai, o uso de expressões faciais, a atenção que o bebê surdo coloca no meio visual, a produção de um complexo balbucio manual, de gestos sociais e do ‘apontar’ são aspectos relevantes para o desenvolvimento linguístico da criança (KARNOPP, 2004).

Petitto (1987) observa que ao final desse estágio, por entre 10 e 12 meses de idade, a criança surda apresenta uma rica produção de apontações, tanto para locais, quanto para pessoas e objetos, que serão suprimidas no estágio seguinte, permanecendo apenas as locativas. Para o desenvolvimento das apontações, Hatzopoulou (2008) apresenta quatro estágios, os quais abordaremos na próxima seção.



As produções de apontações gestuais darão lugar, posteriormente às apontações usadas com valor pronominal. Magalhães (2006) aponta o surgimento pronominal por volta de dois anos de idade.

#### 4.2 PERÍODO LINGUÍSTICO: ESTÁGIO DE UM SINAL

Por volta de um ano de idade, surgem as primeiras produções, ou seja, os primeiros sinais surgem, geralmente, nessa época. Pode ocorrer também o aparecimento das “holófrases”, que são enunciados de apenas uma palavra que possuem significado completo, por exemplo, o bebê pode produzir um gesto quando tem fome e deseja comer. Ele pode utilizar esse gesto citado anteriormente, atribuindo-lhe o significado “quero comida”, ou ainda “passar os dedos na boca” para a frase “quero água”.

Como sugere Karnopp (1994) as produções em língua de sinais parecem surgir anteriormente ao que ocorre em línguas orais. Acreditamos que esse fato ocorra devido ao processo maturacional dos órgãos articuladores. A maturação neuromotora se dá no sentido mesiodistal, ou seja, da coluna para as extremidades. Porém, os órgãos da fala apresentam desenvolvimento mais tardio. Um indício desse controle é o fato de haver fonemas que são adquiridos por volta dos cinco anos de idade, exigindo um refino maior quanto ao controle motor, em relação às mãos.

Em torno de um ano e seis meses, as crianças começam as primeiras combinações com duas palavras, mas ainda de forma incipiente, porém, nessa fase já são capazes de demonstrar conhecimento da ordem sintática da língua alvo (GROLA; SILVA, 2014). Podemos observar como características das primeiras combinações: omissão de elementos com função meramente sintática; não produzem subordinadas ou passivas, o que, para alguns pesquisadores, significa que nem toda a estrutura sintática está disponível à criança (COSTA e SANTOS, 2003).

Newport e Meier (1985) afirmam que os pronomes surgem posteriormente no processo de aquisição por serem categorias funcionais e por isso surgem após as categorias lexicais. A forma causal exibida pelos pronomes depende de diferentes relações estruturais que se estabelecem na frase. Assim sendo, se as crianças não têm disponível toda a estrutura da frase, é de esperar que não sejam criadas as configurações em que os pronomes marcados com caso possam ocorrer (COSTA e SANTOS, 2003).



Levando em consideração o período entre 12 e 27 meses de idade, Hatzopoulou (2008) afirmou que, na aquisição da língua de sinais grega, a criança passa por quatro estágios de desenvolvimento identificados no uso de apontar para referência a pessoas e a si mesmo:

1. Primeiro estágio na aquisição da apontação: Emergência da referência para objetos (idade: 1;0,11–1;1,19).
2. Segundo estágio na aquisição da apontação: Emergência da referência para pessoas e para si próprio (idade: 1;2,10–1;3,03).
3. Terceiro estágio na aquisição da apontação: Referência esporádica para pessoas e para si próprio (idade: 1;4,00–1;8,00).
4. Quarto estágio na aquisição da apontação: Estabelecimento da apontação pronominal para referência de si próprio e para pessoas (idade: 1;8,07–2;3,01).

#### 4.3 PERÍODO LINGUÍSTICO: ESTÁGIO DAS PRIMEIRAS COMBINAÇÕES

Neste estágio, surgem as primeiras combinações de sinais, predominando classes abertas. Por volta dos 22 meses, a criança pode apresentar inversão ou reversão pronominal, na qual produz o sinal de VOCÊ querendo dizer EU. Brito (1995) afirma que as crianças percebem um dos dois traços básicos do sistema opositivo, mas têm problemas com o traço defrontar da categoria disjuntiva, ou seja, elas podem estar tentando verificar se o EU é a pessoa que está defrontando VOCÊ, e se VOCÊ é a pessoa que está me defrontando, assim como ocorre nos sinais de ENCONTRAR e OLHAR. Segundo a autora, estamos diante do uso inadequado da estratégia ego-alinhada em relação ao sinal pronominal.

Petitto (1987) destaca a ocorrência de reversão pronominal em uma criança surda entre 21 e 23 meses de idade. Ela relata que é a primeira ocorrência da produção de pronomes a aparecer nele após um período de evitação da apontação para pessoas, iniciada por volta dos 10 meses. A criança produziu o sinal VOCÊ, mas aparentemente querendo referir-se a ela mesma.

Petitto (1987) afirma que nesse estudo: (1) a forma do sinal VOCÊ foi distinta das outras apontações dêiticas. Nela, o sinal foi produzido com o olhar direcionado para o endereçado, com o cotovelo flexionado e dentro do espaço de sinalização, já os sinais dêiticos apontando para locais e objetos apresentavam o cotovelo estendido e o olhar direcionado ao local da apontação, além da





produção ser realizada para além do espaço de sinalização. (2) O uso do pronome VOCÊ em contextos em que claramente necessitavam o pronome EU, além de apresentar ausência total desse último. E por fim, (3) a criança produziu a sinalização COMER VOCÊ QUERER COMER e chorou quando a mãe disse que não estava com fome. Kate repetiu o sinal COMER e a mãe então disse, “Ah agora entendi, você (Kate) quer comer”. Ela então deu comida à Kate.

#### 4.4 ESTÁGIO DAS MÚLTIPLAS COMBINAÇÕES

Entre os dois e três anos de idade, a criança apresenta um vocabulário entre 400 a 900 palavras aproximadamente. Nessa fase, aparecem frases com conjunções, artigos, preposições e alguns pronomes átonos. O tamanho das frases aumenta devido a criança possuir mais possibilidades disponíveis. Temos também as grandes generalizações: momento em que ela utiliza regras aprendidas, aplicando-as em construções além das necessárias. As crianças estão em uma época de descobrimento das regras para a formação das frases e tentam fazê-lo em todos os domínios possíveis (COSTA e SANTOS, 2003; GROLA e SILVA, 2014).

Um bom exemplo de ocorrência de generalizações aparece em Grutzmacher (2019), no qual, por volta de dois anos e seis meses de idade, ao produzir uma narrativa, a criança surda pesquisada empilhou os referentes ao invés de distribuí-los espacialmente.

A partir dos três anos de idade, a criança apresenta um vocabulário com 1200 palavras e já é capaz de produzir sentenças com palavras gramaticais como artigos e preposições. Até os cinco anos, a aquisição entra em um estágio de estabilidade ainda que novos elementos sejam adquiridos ao longo da vida.

Quanto ao tópico, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que está associado à marca não-manual de elevação das sobrancelhas, sendo que a mesma não pode se espalhar sobre a sentença. Podendo apresentar outras marcas não-manuais, diante de negação, interrogativa, foco, etc.

O foco é o elemento da sentença que contém a informação não pressuposta e a pressuposição apresenta os constituintes que são conhecidos dos interlocutores de um determinado contexto discursivo, ou seja, a informação partilhada (PIZZIO, 2006).

Os dados de Pizzio (2006) demonstram que a criança surda é capaz de compreender e produzir sentenças com tópico e foco desde os primeiros estágios do desenvolvimento da linguagem, da mesma



forma que crianças ouvintes. Além disso, a autora demonstra que a aquisição dos verbos espaciais, como AVISAR, se dá posteriormente aos verbos simples, ancorados ao corpo, como GOSTAR.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos ao longo do texto que as possibilidades de explicação de como ocorre a aquisição de uma língua perpassam de uma visão externa à criança, passando por uma perspectiva mentalista explica como se dá a aquisição de forma biologicamente determinada.

Por essa razão, a aquisição além de ocorrer de forma inata a todas as crianças, respeita um calendário de desenvolvimento físico, psíquico e motor. Um fator que merece destaque é que os mesmos processos pelos quais as crianças ouvintes passam durante o processo de aquisição são também percebidos nas crianças surdas, o que, corrobora a perspectiva da teoria gerativa de que o processo de aquisição é universal, natural e inato a todos os seres humanos.

### REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. *O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso*. [tradução de Anabela Gonçalves e Ana Tereza Alves]. Ed. Caminho, 1986.

CHOMSKY, N. *Arquitetura da linguagem*. [tradução de Alexandre Morales e Rafael Ferreira Coelho. Organizadores Nirmalangshu Mukherji, Bibudhendra Narayan Patnaik e Rama kant Agnohot]. Bauru, SP: Edusc, 2008.

CHOMSKY, N. *O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso*. [tradução de Anabela Gonçalves e Ana Tereza Alves]. Ed. Caminho, 1986.

CHOMSKY, N. *Minimalist inquiries: The framework*. In R. Martin, D. Michaels, and J. Uriagereka (eds.), *Step by step: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*, 89-156. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000.

CHOMSKY, N. *Language and Other Cognitive Systems. What is special about Language?* In: *Language Learning and Development*. London: Psychology Press, 2011. 111

CHOMSKY, N. *Linguística Cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*. Ed. Vozes. Petrópolis, 1972.



CHOMSKY, N. The Minimalist Program. Cambridge: Mass, MIT Press. (Versão Portuguesa O programa Minimalista (1995): tradução de Eduardo Raposo, Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

COSTA, João; SANTOS, Ana Lúcia. *A falar como os bebés: o desenvolvimento linguístico da criança*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

GROLLA, Elaine; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. *Para conhecer aquisição de linguagem*. São Paulo: Contexto, 2014.

GRUTZMACHER, Marcos. *Aquisição de apontações pronominais pessoais em língua brasileira de sinais (Libras)*. 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado em linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura-PPGLL, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

GUASTI, Maria Teresa. *Language acquisition: the growth of grammar*. Massachussets: Bradford book, 2004.

HATZOPOULOU, Marianna. *Acquisition of reference to self and others in Greek Sign Language: from pointing gesture to pronominal pointing signs*. Stockholm: US-AB universitetsservice, 2008 .

KARNOPP, L. B. *Aquisição da Linguagem por Crianças Surdas – Investigações Sobre o Léxico*. Calidoscópio, Vol. 02 N. 01 v jan/jun 2004.

KARNOPP, L. B. *Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da língua de sinais brasileira: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre. 1994.

KARNOPP, L.B. 1999. *Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Newport, E. L., & MEIER, R. P. (1985). The Acquisition of American Sign Language. In D. I. SLOBIN, (Ed.), *The Cross-Linguistic Study of Language Acquisition* (Vol. 1, pp. 881-938). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

PETITTO, Laura-Ann. *On the autonomy of language and gesture: Evidence from the acquisition of personal pronouns in American Sign Language*. Cognition, McGill University, vol 27, no 1, p 1-52. 1987.

PIZZIO, A. L. *A variabilidade da ordem de aquisição das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construções com tópico e foco*. 2006. 114 f. Dissertação (Curso de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.



QUADROS, Ronice Muller de. *Educação de surdos: aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

Radford, A., 1988. *Transformational Grammar*, Cambridge University Press. Roeper, T. *Universal Bilingualism*. *Bilingualism: Language and Cognition* (2),3 (pp.169-186), 1999.

SKINNER, B.F. *Verbal behavior*. New York: Appleton – Century-crofts, 1957.

Artigo submetido em 27/03/2022, aceito em 14/05/2022 e publicado em 10/06/2022.

---

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.28, n.01, e7967, Jan./Jul. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v28i01.7967>

<https://revista.ufrr.br/textosedebates/>

ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).